

A IRA DE DEUS EM *DECAMERON*, DE BOCCACCIO

THE WRATH OF GOD IN *DECAMERON*, BY BOCCACCIO

Jéssica Scheer Salles¹

Rossana Alves Baptista Pinheiro²

Resumo: Este artigo tem por objetivo abordar a peste negra de 1348, em Florença, através da fonte *Decameron*, de Boccaccio, obra que retrata o acontecimento de forma satírica, o que nos servirá para debater as condições dos poderes eclesiástico e imperial durante este momento. Também pretendemos discorrer sobre como a historiografia posicionou-se em relação ao debate sobre a ruptura entre a Idade Média e o chamado Renascimento, situando a peste negra como um fator para a crise do século XIV.

Palavras-chave: *Decameron*; Boccaccio; Peste Negra.

Abstract: This article attempts to investigate the Black Death of 1348, in Florence, through Boccaccio's *Decameron*, which portrays it in a satirical genre. We shall use *Decameron* to debate the state of powers of both the church and the Empire during this period, and how historiography places itself in relation to the debate about separation between the Middle Ages and the Renaissance. The Black Death will be presented as a critical point to this debate.

Key-words: *Decameron*; Boccaccio; Black Death.

Introdução

Segundo Patrick Gilli³, no século XII, a Península Itálica era constituída, quanto às suas autoridades, pelo Império e Papado. A constituição dos espaços da Itália não estava pré-estabelecida, fazendo com que, neste período, houvesse novas instituições de movimentos comunais ao Norte, em contraste a uma suposta debilidade das composições territoriais dos normandos ao Sul da Península. As tensões entre o Sacerdócio e o Império movimentavam a vida urbana e as comunas na Itália, sendo que estes conflitos entre as diferentes instâncias de poder iniciaram-se no século XI e perduraram até o século XIV. O conflito entre o Império e a Igreja estendeu-se para além dos seus domínios territoriais, impulsionando tensões para que houvesse o rompimento das fronteiras dos territórios italianos. A intervenção do poder eclesiástico em territórios que não lhe eram próprios complementou o tumulto que invadiu o espaço público e político⁴.

¹ Graduanda em História na UNIFESP, desenvolveu Iniciação Científica intitulada “Ellis e Booth: Retratos das doenças e problemas sociais na Inglaterra Vitoriana na década de 1880”, sob orientação da Profa. Dra. Ana Lúcia Lana Nemi. Atualmente, desenvolve pesquisa ainda na área de História Contemporânea sob orientação da mesma professora, e integra o Grupo de Estudos “Poder, autoridade e heresias durante a Antiguidade Tardia e Idade Média”, coordenado pela Profa. Dra. Rossana Alves Baptista Pinheiro. Contato: jessica-scheer@hotmail.com.

² Professora de História Medieval da Universidade Federal de São Paulo, pesquisadora colaboradora do Laboratório de Estudos Medievais-Núcleo UNIFESP, pós-doutoranda em História na UNICAMP, professora supervisora do presente artigo. Contato: rossana.unifesp@gmail.com.

³ GILLI, Patrick. “Os fundamentos supranacionais da história urbana italiana: império e papado.” In: GILLI, Patrick. *As cidades italianas*. (Séculos XII-XIV). Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

⁴ Ibid. p. 23.

Durante a disputa pelo domínio político nas cidades do Norte italiano, foram chamados de guelfos⁵ os habitantes de cidades com influência do poder clerical, e gibelinos⁶, aqueles que se apresentavam como partidários do Sacro Império Romano Germânico⁷. A partir de 1284, à disputa territorial uniu-se uma rivalidade entre famílias por Pistoia. Esta disputa deu-se entre os Cancellieri (vinculados aos guelfos) e os Panciatici (vinculados aos gibelinos). Por isto, os nomes dados aos posicionamentos quanto ao conflito foram renomeados de branco para gibelino e preto para guelfo⁸. A cidade de Florença parece ter sido um dos redutos mais importantes dos guelfos, e sua comuna vivia sob constante ameaça gibelina. Além disto, no século XIV, houve transformações a partir do Grande Cisma, o qual, durante os anos de 1378 e 1417, dividiu a Igreja Romana. Segundo Amanda Cristina Zattera:

Os conflitos que surgiram após o jubileu de 1300, agitaram a população romana, e para fugir dessa agitação, o papa francês Clemente V, arcebispo de Bordéus, coroado em Lyon, não se mudou para Roma, estabelecendo-se em Avignon esperando uma pacificação. De localização centralizada, Avignon favoreceu os sucessos pontifícios. Porém, havia a predominância da ligação simbólica com Roma. A volta só iria realizar-se em 1378, por Gregório XI, sucessor de Urbano V. O novo papa, Urbano VI, provocou muita hostilidade, a maioria do conclave anulou a eleição e elegeu em seu lugar Clemente VII. Mas Urbano VI se manteve e houve, assim, simultaneamente, dois papas, o italiano Urbano VI em Roma e o genovês Clemente VII em Avignon, cada um reunindo parte da cristandade⁹.

A saída do papa para Avignon contribuiu para que o poder do Sacro Império Romano Germânico conseguisse maior eficácia na sua conquista territorial, e fez com que os guelfos sentissem-se desamparados perante o poder político que a Igreja exercia.

A área Norte da Itália, situada acima da região de reino de Nápoles no sul e dos Estados Pontifícios (espaços independentes sob autoridade papal) ao centro, segundo Britnell¹⁰, possuía a particularidade da fragmentação territorial e política, pois ao sul da Itália, Reino de Nápoles, o domínio era da coroa de Aragão desde o século XII, dando proteção e, conseqüentemente, estabilidade neste território. Tal configuração levou ao desenvolvimento da soberania das cidades comunais, iniciada no século XI. A diversidade neste território fez com que este se dividisse em quatro tipos de cidades por quantia decrescente de moradores. As cidades maiores eram consideradas urbanas, com 80 mil ou mais habitantes, como Veneza, Genova, Milão e Florença, as quais se tornaram os principais centros de governança e de extensivo comércio internacional e interdependência na concessão de desenvolvimento econômico. O segundo tipo de

⁵ Em referência ao Castelo de Welf, na região da Baviera.

⁶ Em referência ao castelo de Waiblingen, de Hohenstaufen.

⁷ Estes termos não são citados no *Decameron*. Entretanto, a bibliografia cita estes termos como eram denominados no período de XII a XIII. A este respeito, ver STRAYER, Joseph. *Dictionary of the Middle Ages: Italian Literature*. New York: Scribner, 1982, volume 6, p. 6.

⁸ NICHOLAS, David. *The Growth of the Medieval City: From Late Antiquity to the Early Fourteenth Century*. Michigan: Longman, 1997, p. 313.

⁹ ZATTERA, Amanda Cristina. *Uma Análise Histórica sobre o Decameron de Giovanni Boccaccio (1313-1375): Riso e Regeneração*. Monografia. Curitiba: UFPR, 2014, p. 19.

¹⁰ BRITNELL, R. H. "The towns of England and northern Italy in the early fourteenth century." In: *The Economic History Review*. New Series, Vol. 44, No. 1 (Feb, 1991), p. 21-35 Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2597482> Acessado em: 25/01/2016

cidade mais povoada era predominantemente rural, que adquirira variável influência política em relação à soberania com os senhores de terra. A terceira cidade com maior número de habitantes era de distritos de suplementos comerciais com pouca especialização. O último tipo era constituído de pequenas cidades urbanas (*borghi*) de menos de 2 mil moradores.

Britnell percebeu que o tamanho da população urbana tinha implicações de igual proporção na organização política, estrutura social, educação e cultura, assim como o volume e padrão de troca. A partir disto, confirmou a existência de uma variedade econômica interligada com o local e sua densidade populacional. Por este motivo, o autor questionou os fatores regionais e não-regionais denominando-os de *country-based* (base rural) e de *city-based* (base urbana) próprios às cidades italianas nortenhas. Os aspectos de base rural eram compostos pelo interesse na urbanização da demanda rural de bens e serviços. Já os de base urbana, ao contrário, ficaram conhecidos como cidade-estado em razão do exercício autônomo da economia, cultura e poder político das próprias cidades. Esta diferença hierárquica foi determinante na organização de cidades rurais ao redor das cidades urbanas, o que demonstraria a existência de uma grande demanda local de produtos e variedade de serviços que supriam os demais serviços necessários. Tal distribuição resultava em maior quantidade de lugares rurais em torno das cidades urbanas. A melhoria das condições de vida nas áreas rurais, por causa desta movimentação econômica, fez com que houvesse uma permanência rural no norte da Itália.

Segundo afirmou Britnell, durante o século XIV, em momento anterior à peste negra, o desenvolvimento econômico do Norte italiano decaiu, fazendo com que o senhorio eclesiástico comprasse os direitos de herança de famílias nobres, responsáveis, até então, pelo desenvolvimento econômico da região. Isto afetou diretamente a estrutura da organização urbana, pois o poder clerical impediu a atividade econômica para desconectar a relação de soberania que interligava a burguesia com os representantes da nobreza. Nos anos de crise, em Florença, as regras de limitação de comércios foram modificadas, impedindo o fácil acesso aos grãos. Além disso, tanto a venda quanto a compra destes era reduzida. Mesmo com tal desenvolvimento e relações de interdependência não impediu que a região fosse afetada antes mesmo da Peste Negra.

Henri Pirenne¹¹ defendeu que o nascimento das cidades aconteceu no século IX, antes vinculado a dois poderes (o clero e a nobreza), e, no século X, houve o impulso e desenvolvimento da burguesia como grupo privilegiado. A cidade tornou-se sinônimo de desenvolvimento econômico em decorrência da atividade de mercadores, e o aumento das aglomerações urbanas contribuiu para o rompimento das tradições medievais de servidão. Este “renascimento econômico” promoveu a aparição de baillios, durante o século XII, sendo este “(...) o primeiro sintoma do progresso político que vai permitir ao poder principesco fundar uma verdadeira administração pública e transformar, pouco a pouco, a suserania em soberania”.¹² A partir do século XII, segundo Pirenne, aconteceria a decadência da autoridade imperial, juntamente com o aumento do poder da burguesia, sendo a urbanização um dos processos de transformações sociais, econômicos e políticos que se manifestaram na Europa¹³, os

¹¹ PIRENNE, Henri. *Medieval Cities: Their Origins and the revival of trade*. Nova Jersey: Princeton University Press, 1946 (Primeira edição de 1925), 247 p.

¹² Idem. p. 177.

¹³ A perda do domínio imperial e práticas mercantis aqui questionadas não pertenciam apenas ao território italiano, dado que, no século XIV, parte do que entendemos a península itálica pertencia à coroa de Aragão no sul, e no norte era disputada pelo Sacro Império Romano Germânico e pela Igreja.

quais passaram a ficar mais evidentes a partir do final do século XIII, no qual a burguesia passaria a ser parte do desenvolvimento da movimentação artística e intelectual. No século XII, tal renascimento cultural seria impulsionado pela burguesia, que passaria a educar seus filhos em escolas laicas, antes mesmo da nobreza, para que aprendessem a escrita e a leitura para melhorar o desempenho da função comercial¹⁴. Na perspectiva de Pirenne, portanto, tais transformações fizeram com que a burguesia da Idade Média desempenhasse um papel privilegiado no princípio dos movimentos de Renascimento e Reformas religiosas, para além dos territórios italianos.

O aumento da densidade populacional nas áreas rurais, nos séculos anteriores ao século XIV, fez com que houvesse, nas áreas urbanas, uma concentração de pessoas de diversas habilidades, as quais contribuía com os mais variados trabalhos nos Condados. A superpopulação das cidades e vilas rurais auxiliava para que as famílias migrassem para a metrópole. No século XIV, a população da cidade e do Condado de Florença era de mais de 400 mil pessoas. Entretanto, a população rural estava estagnada pela migração de pessoas para a área urbana, e pelo baixo índice de natalidade. Durante o período em que afetou o condado de Florença, a epidemia de 1348 reduziu sua população a cerca de dois terços. Neste contexto, a Igreja de Orsanmichele, a qual auxiliava na caridade, tornou-se importante. Em razão das consequências da epidemia, houve grande demanda por seus serviços, e a comunidade religiosa passou a assim colaborar com propósitos tanto sociais quanto religiosos¹⁵.

Por outro lado, o surgimento das universidades no século XII introduziu o ensino de teologia, jurisprudência, medicina, matemática, filosofia e *studia humanitatis* (composto por gramática, retórica, poesia, história e ética). A partir da influência do ensino escolástico das universidades de *studia humanitatis*¹⁶, motivou-se as reflexões de textos latinos e gregos, que seriam fundamentais para o humanismo¹⁷. O processo de literaturização da retórica foi mais explorado no humanismo. A retórica no humanismo não foi reduzida a uma estilística prática, como no período Bizantino, mas, pelo contrário, foi levada a valorizar a persuasão pelo convencimento, a *captatio benevolentiae* sobre a verdade. Esta compreensão da retórica foi inspirada pelas leituras de Cícero e Aristóteles¹⁸. Apesar de os escritores utilizarem-se mais da retórica, a dialética não deixou de ser utilizada, mas a redução do uso da dialética possibilitou o processo de emancipação e afirmação das línguas vulgares apoiadas pela retórica como

14 PIRENNE, Henri. *As cidades da Idade Média: ensaio de história econômica e social*. 2. ed. Lisboa: Europa-América, 1964. p. 180-181

¹⁵ Idem. p. 54.

¹⁶ VILA-CHÃ, João J. "Renascimento, Humanismo E Filosofia: Considerações Sobre Alguns Temas E Figuras". In: *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. 58.4, 2002. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40337719> Acessado em: 01/03/2016 p. 740

¹⁷ O termo Humanista é contemporâneo do momento histórico do humanismo. O humanista era quem se dedicava ao conhecer os textos-literários escritos. Ernest Gombrich considerou Dante e escritores italianos do século XIV pelo estudo e ressurreição da cultura antiga. Entretanto, Renaudet nega que o humanismo era o retorno da moral antiga pagã, pois acreditava que se manteve o caráter cristão adaptando modelo cultural e ético. Cfr: OSÓRIO, Jorge A. "O Humanismo: a intersecção da 'História cultural' com a 'História literária'." In: *Separata da Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas*, Anexo I. Porto: Faculdade de Letras, 1987. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8821.pdf>. Acessado em: 01/03/2016 p. 214-215. A este respeito, também ver VILA-CHÃ, João J. "Renascimento, Humanismo E Filosofia: Considerações Sobre Alguns Temas E Figuras". In: *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. 58.4, 2002. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40337719> Acessado em: 01/03/2016 p. 740.

¹⁸ Marco Túlio Cícero (106 a.C.- 43 a.C.) foi um filósofo, orador, escritor, advogado e político romano. Aristóteles (384 a.C.- 322 a.C.) foi um filósofo grego, discípulo de Platão.

modo de expressão da variedade identitária humana, associando-se, assim, ao contraste do "paradigmática entre *natura* e *paideia*"¹⁹.

Todavia, pode-se considerar que tamanho avanço cultural, urbano, econômico que pode ser considerado uma das marcas definidoras do século XII²⁰, foi colocado em xeque nos séculos seguintes, também em razão do surto de peste que assolou o Ocidente. Vinda do Oriente através do Mediterrâneo, a peste negra, como ficou conhecida, atingiu o Ocidente na década de 1340, e afetou os principais portos do continente europeu. Em 1348, a peste chegou à Toscana, Provença, Bourdeaux, Paris e Londres, onde a progressão mensal desta epidemia alcançava distâncias cada vez mais longas²¹. Dentre os diversos lugares acometidos pela peste, nosso foco será a Itália, um dos lugares que mais teve perdas em sua população, e, em especial, Florença, conforme retratada por Boccaccio. Acreditamos que a obra escrita por Boccaccio possibilita a compreensão do passado de Florença, em 1348, afetada pela peste negra. Os historiadores vêm analisando as permanências e as rupturas da Idade Média com a Modernidade e, neste artigo, iremos trazer algumas das discussões que são mobilizadas para o entendimento dos períodos de crise (políticas, econômicas, epidêmicas) e de Renascimentos, em particular, o do século XIV. Em seguida, iremos problematizar a ideia da peste como Ira e julgamento de Deus, tal qual apresentada na obra, articulando-a com o contexto aqui exposto. Na análise, através da construção narrativa, pretendemos demonstrar o posicionamento do autor sobre este contexto.

Ruptura ou permanência?

No escopo historiográfico sobre o assunto, há uma vertente que percebe o século XIV, em meio a seu sofrimento com a peste negra, como um período de conflitos políticos que teriam levado a uma maior conscientização de si, expressa nas artes²². Florença, em especial, seria considerada berço do Renascimento italiano no século XIV, sobretudo em razão da presença de grandes literatos como Dante, Petrarca e Boccaccio, que teriam desenvolvido obras em língua vernácula, ocasionando, inclusive, o aprimoramento da língua italiana, e expressando perspectivas individuais, aliadas à dedicação à cultura e filosofia gregas, tidas como pilares para o Renascimento do século XVI. Outra vertente, da qual destacamos Wolff (1986)²³, defenderia que, durante a transição do século XIV para o século XV, houve a ruptura causada pela crise de estabilidade e da prosperidade do século XIII, as quais teriam sucumbido perante as crises de peste negra sucessivas (1348, 1360-61 e 1374-75).

Ambas as vertentes historiográficas descritas acima reforçam a percepção de Cellarius e de outros "iluministas", os quais consideraram o período medieval como

¹⁹ OSÓRIO, Jorge A. "O Humanismo: a intersecção da 'História cultural' com a 'História literária'." In: Separata da Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas, Anexo I. Porto: Faculdade de Letras, 1987. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8821.pdf>. Acessado em: 01/03/2016 p. 212

²⁰ A este respeito, ver o artigo de Rafael Bosch neste volume.

²¹ SIMONI, Karine. *De peste e literatura: imagens do Decameron de Giovanni Boccaccio*. Anuário de Literatura (UFSC), v. 12, p. 3, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/viewFile/5447/4882>. Acesso em: 17 jul. 2015, p. 32.

²² Entre os historiadores estão Burckhardt, em *A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio* (1860), que acredita numa ruptura a partir do século XIV, e Huizinga, no livro *Hombre e ideias: ensayos de história de la cultura* (1960), que percebe o século XIV como um período importante para a literatura, entretanto não a vê como ruptura.

²³ WOOLF apud LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. 3. ed, rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 220.

sinônimo de atraso, em oposição à autoproclamação do Renascimento como momento de progresso nas artes e na ciência. No século XVII, Cellarius dividira cronologicamente a história, e consideraria a Idade Média um período de mil anos de história, compreendido entre os anos de 476 a 1453²⁴. Vasari, por sua vez, sustentaria que o final do século XIII teria sido o momento de renovação das artes, com o retorno à natureza e aos antigos; já para Voltaire, o Renascimento seria um momento de riqueza e liberdade das cidades na Itália²⁵. Todavia, Huizinga demonstrou que o espírito medieval já buscava pelo conhecimento e pela verdade através de provas lógicas; assim, a ideia de “civilização” defendida por Cellarius como fator de ruptura se dissolve.

Huizinga²⁶ ajuda a problematizar o conceito de Renascimento, demonstrando a grande variedade de pesquisadores que tentaram definir sua periodização. Em primeiro lugar, o autor alerta para a variedade de sentidos que o termo Renascimento adquiriu ao longo dos estudos historiográficos, sendo que, em muitos deles, o denominador comum seria a relação entre Renascimento e produção artística. Portanto, Huizinga sustentou que o Renascimento seria um conceito somente percebido no campo da cultura, e questionou as ditas rupturas entre a Idade Média e o Renascimento, no século XVI e XVII, usando, como exemplo, justamente a Reforma e Contrarreforma, que nada tinham de liberdade e individualismo, como Burckhardt as tinha considerado. No ponto de vista de Burckhardt, a Idade Média estaria vinculada a um tempo de problemas políticos que evoliriam para a criação do homem moderno, advindo-se daí o Renascimento, o qual permitiu o fortalecimento do individualismo²⁷. No meio desta transição, os humanistas italianos teriam sido os precursores da modernidade, dos quais citamos, como exemplo, Dante e Petrarca²⁸. Contudo, Huizinga não encontrou diferenças nos aspectos referentes aos avanços de pensamento entre os conceitos de Renascimento e de Idade Média²⁹, e considerou o humanismo como fator existente antes mesmo da Renascença³⁰.

Portanto, não há consenso entre os historiadores medievalistas quanto à exata datação da época medieval. Além de o termo “Idade Média” ser problemático, Barraclough³¹ apresentou este termo como um conceito artificial e arbitrário, que, contudo, poderia ter um uso “conveniente” quando levado em consideração seu aspecto didático.³² Portanto, a própria classificação dada aos estudos acadêmicos para os períodos da história deveria ser questionada antes mesmo de olharmos para um objeto de estudo.

Assim como Barraclough, Jacques Heers não concordou com a fixidez do conceito “Idade Média” atribuída a um período “medieval”. Heers argumentou que esse termo seria ambíguo, impreciso, condenado aos “tempos feudais” e à caracterização de aspectos sociais com teor atual hediondo³³. A problematização de Heers sobre as

²⁴ BARRACLOUGH, Geoffrey. “Medievo: Reflexões sobre história medieval e expressão ‘Idade Média’.” In: BARRACLOUGH, Geoffrey. *Europa: Uma revisão histórica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964, p.79.

²⁵ HUIZINGA, Johan. “El problema del Renascimento”. In: HUIZINGA, J. *Hombre e ideas: ensayos de historia de la cultura*. Buenos Aires: Compañía General Fabril, 1960, p. 106 e 109.

²⁶ HUIZINGA, op cit, p. 114.

²⁷ Ibid, p. 118 e 126.

²⁸ Ibid, p. 121.

²⁹ Ibid, p. 113.

³⁰ Ibid, p.147.

³¹ BARRACLOUGH, Geoffrey. “Medievo: Reflexões sobre história medieval e expressão ‘Idade Média’.” In: BARRACLOUGH, Geoffrey. *Europa: Uma revisão histórica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964, p.75-86.

³² Ibid. p. 77.

³³ HEERS, Jacques. *A idade média, uma impostura*. Portugal: Asa, p. 25-26.

rupturas mostrou que cada acontecimento poderia ser resgatado para criar períodos de transições, e estas divisões poderiam comprometer os estudos científicos.

Dentre alguns dos historiadores que tentaram repensar o período medieval, a contribuição do já citado historiador Henri Pirenne³⁴ foi fundamental. Na obra *As Cidades da Idade Média*, demonstrou que o período tido como Alta Idade Média seria parte da civilização mediterrânea rompida, a partir do século VIII, em decorrência das conquistas do Islã da Península Ibérica, que teria sido responsável pelo fechamento do Mediterrâneo e, conseqüentemente bloqueio de todo comércio dele proveniente, o que teria contribuído para o sucesso do período Carolíngio.

Por outro lado, um defensor de uma “longa” Idade Média foi Jacques Le Goff³⁵, o qual defendeu uma ideia de longa duração do período medieval, demarcada desde o Baixo Império Romano até a Revolução Industrial do século XVIII e XIX, delimitada, então, pelo período pré-industrial. Se utilizarmos a perspectiva de Le Goff para tentarmos localizar temporalmente a peste negra de 1348, esta seria vista como pertencente do período medieval, pois, apesar da urbanização de Florença, a industrialização da Itália só aconteceu no final do século XIX. Le Goff, Huizinga e Heers não acreditavam que houvesse uma ruptura definitiva no século XIV, fosse no âmbito das artes ou mesmo nas estruturas político-sociais. Na visão de Pirenne e de Wolff, em contrapartida, a peste teria levado à crise e à desestruturação do poder e do comércio. No prisma de Burckhardt, as práticas letradas do século XIV foram um movimento percussor para a ruptura ocorrida no século XVI. Diferentemente dos demais, Heers e Barraclough questionaram a necessidade de definir as rupturas temporais, o que tornaria irrelevante a compreensão da fonte através da ruptura. Este debate entre Renascimento e medievo implica, portanto, em diferentes e possíveis interpretações sobre a temporalidade da obra *Decameron* (1351), de Boccaccio, e seu posicionamento sobre a peste negra de 1348.

Boccaccio e sua obra *Decameron*

Conforme dissemos, Giovanni Boccaccio é considerado um dos grandes nomes do Humanismo italiano pela contribuição que deu ao movimento de afirmação da língua vulgar italiana. Nasceu em 1313, em Certaldo, e pouco se sabe sobre quem foi sua mãe. Porém, há especulações de que seu pai teria sido Boccaccino di Chellino, um rico mercador da cidade de Florença, o qual buscou fazer com que seu filho seguisse a mesma carreira que a sua. Boccaccio, entretanto, preferiu tornar-se “poeta-literato”³⁶. Em 1327, viajou junto a seu pai para Nápoles, onde conheceu Cino da Pistoia, jurista e poeta, amigo de Dante e Petrarca, que lhe deu permissão para frequentar suas aulas. A partir desta oportunidade, Boccaccio desenvolveu suas habilidades nas práticas letradas, produzindo, dentre outros, *Decameron* (1351), ao qual nos ateremos neste artigo.

O *Decameron* é um livro que retrata dez dias em que sete mulheres nobres (Pampinéia, Filomena, Neífile, Fiammetta, Elissa, Lauretta, e Emília) agruparam-se a três homens nobres (Filóstrato, Dioneu, Pânfilo) para fugir de Florença, cidade que está tomada pela peste negra em 1348. Durante esses dias, contam histórias uns aos outros para passar o tempo. Esta obra pode ser entendida como a recriação do mundo destruído pela peste, além de ser considerada uma “narrativa em língua vulgar e com uma

³⁴ PIRENNE, Henri. *As cidades da Idade Média: ensaio de história econômica e social*. 2. ed. Lisboa: Europa-América, 1964. 176 p.

³⁵ LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. 3. ed, rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 3

³⁶ OLIVEIRA, Flávio Rodrigues de. *Um estudo sobre Boccaccio na perspectiva da História da Educação*. Maringá: UEM, p. 57.

extraordinária liberdade estilística”³⁷. Nela, encontramos um hipernarrador, o qual cede a voz a dez personagens-narradores, os quais, por sua vez, cedem voz aos personagens de suas novelas, para, depois, as comentarem entre si e com os ouvintes/leitores³⁸ da narrativa.

Segunda Ana Carolina Lima Almeida, as obras literárias não são como a realidade social em si, mas apresentam aspectos dessa sociedade³⁹. A literatura pode conter questões importantes e nos possibilita ter consciência de conflitos existentes numa determinada sociedade⁴⁰. A partir desta apresentação sobre Boccaccio e o contexto narrativo de *Decameron* nos aprofundaremos na obra em si, de forma a interligar os conflitos políticos com a epidemia da peste, em Florença.

Ira de Deus em *Decameron*: análise documental

Como primeira menção à peste em *Decameron* temos o seguinte trecho:

Digo, pois, que os anos da frutífera encarnação do Filho de Deus já haviam chegado ao número 1348 quando, na insigne cidade de Florença, a mais bela de todas as da Itália, ocorreu uma peste mortífera, que – fosse ela fruto da ação dos corpos celestes, fosse ela enviada aos mortais pela *justa ira de Deus* para correção de nossas obras iníquas – começara alguns anos antes no lado oriental, ceifando a vida de incontável número de pessoas, e, sem se deter, continuou avançando de um lugar a outro até se estender desgraçadamente em direção ao Ocidente.

E, de nada havendo servido os saberes e as providências humanas, como a limpeza das imundícies da cidade por funcionários encarregados de tais coisas, a proibição de entrada dos doentes e os muitos conselhos dados para a conservação da salubridade, e tampouco encontrando efeito as humildes súplicas feitas a Deus pelos devotos, não uma vez, mas muitas, em procissões e de outros modos, era já quase início da primavera do ano acima quando começaram a manifestar-se de maneira prodigiosa seus horríveis e dolorosos efeitos⁴¹.

Este trecho demonstra como, do ponto de vista de Boccaccio, a peste negra era uma doença que os médicos não conseguiam curar, e que nem os cuidados sanitários e demais providências humanas haviam sido capazes de impedir o avanço da pestilência na cidade de Florença. A partir das informações fornecidas por Pampinéia, a primeira

37 CAVALLARI, D. N. “A palavra astuta: as estratégias discursivas e a modernidade do *Decameron* de G. Boccaccio”. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 1, 2010. p. 8

38 Idem. p.10

39 ALMEIDA, Ana Carolina Lima. “A recriação de Florença por Giovanni Boccaccio através do *Decameron* (1349-1351)”. In: *Revista Diálogos Mediterrânicos*, Número 5, Curitiba, Novembro de 2013, p. 119-120. Disponível em: <http://www.dialogosmediterrânicos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/80/100>. Acessado em: 5/03/2016.

40 A análise exposta neste artigo tem caráter inicial e introdutório e consiste na divulgação de hipóteses de pesquisa pertinentes ao conhecimento da Idade Média. Um estudo mais detalhado faz-se, ainda, necessário.

41 BOCCACCIO, Giovanni. *Decameron*. Tradução: Ivone C. Benedetti - 1ed - Porto Alegre, RS: L&PM, 2013. p. 17, grifo nosso.

rainha escolhida para reger o entretenimento dos fugitivos, poderíamos presumir que a doença era advinda da Ira de Deus, já que não possuía cura física, e teria sido enviada para castigar os pecadores. Portanto, parece plausível considerar a hipótese de que o pecado estaria na raiz da narrativa e funcionaria como elemento central para o julgamento de Deus sobre as ações humanas. Todavia, ao longo de nossa exposição, tentaremos demonstrar como tal assertiva pode ser problematizada, a partir da observação de passagens em que este pressuposto não se comprova. É sobre isso que discorreremos a partir de agora, tentando compreender o lugar da peste e do julgamento de Deus no relato de Boccaccio.

Os vícios e pecados descritos pelas novelas são variados. Entretanto, parece existir uma predominância de pecados considerados carnisais e ligados aos sentidos. Através do estudo de Casagrande⁴², podemos ver que, após o 4º Concílio de Latrão, passou-se a vincular os pecados aos cinco sentidos. A luxúria, por exemplo, muito recorrente na obra, estaria relacionada ao tato, paladar, visão e olfato. Teríamos, ainda, o escárnio como pecado muito relatado na narrativa. Quando analisamos os pecadores descritos nas novelas, encontramos nobres e clérigos com mais frequência, os quais não sofrem represálias por agirem de forma pecaminosa, já que são os detentores do poder nesta sociedade. Com o trecho a seguir, exemplifica-se um pecado cometido por um representante da Igreja, em companhia de um membro da nobreza:

Assim, sendo frequente a convivência do bispo com o marechal, certo dia de São João os dois cavalgavam, um ao lado do outro, olhando as mulheres que passavam pelo caminho onde deveria haver a corrida do pálio, quando o bispo viu uma jovem que já foi levada em idade madura pela atual peste, cujo nome era *monna Nonna dei Pulci*, prima de *messer Alesso Rinucci*, que todas vocês devem conhecer: era ela então uma moça viçosa e bonita, falante e animada, que pouco tempo antes se casara em Porta San Piero. O bispo mostrou-a ao marechal e depois, aproximando-se da moça, pôs a mão no ombro do marechal e disse a ela:

– Nonna, o que lhe parece? Acha que ganha esse aí?

Nonna achou que aquelas palavras feriam um tanto a sua honestidade e poderiam macular a sua reputação na mente das muitas pessoas que as ouviram; por isso, não pretendendo limpar a mácula, mas sim retribuir taco a taco, respondeu imediatamente:

– Senhor, talvez ele não me ganhasse; mas eu iria querer moeda legítima.

Ouvindo essas palavras, o marechal e o bispo sentiram-se igualmente atingidos, um como autor da desonestidade na pessoa da neta do irmão do bispo, e o outro como aquele que recebeu o insulto na pessoa da neta de seu próprio irmão; então, envergonhados e calados foram embora, sem se olharem e sem dizerem mais nada à moça por aquele dia. Portanto, assim como

⁴² CASAGRANDE, Carla. "Sistema dei sensi e classificazione dei peccati (secoli XII-XIII)". In: *Revista Micrologus*, n. 10, 2002. Florença: SISMEL - Edizioni del Galluzzo, p. 36-39. Disponível em: https://www.academia.edu/6741332/Sistema_dei_sensi_e_classificazione_dei_peccati_secoli_XII-XIII. Acessado em: 10/03/2016

ela foi mordida, não lhe caiu mal morder o outro com um dito espirituoso.⁴³

No excerto acima nos é demonstrado como Nonna respondeu ao ato indecoroso do bispo de Florença, o qual flertou com ela insinuando a troca de relações amorosas por dinheiro, mas, ainda assim, sobreviveu, sendo ela a vítima da peste negra. Este caso é importante por fazer referência a um acontecimento do passado recente de Florença. Ademais, ainda que a morte não seja infligida ao próprio pecador, percebe-se a vinculação da peste à prática do pecado. Ao tornar visível que o bispo havia agido de forma pecaminosa e que do pecado resultara em morte pela peste, este excerto possibilita que percebamos a Ira de Deus na narrativa dirigida não ao próprio pecado, mas a uma mulher inocente.

Outro caso de pecado que saiu impune ao próprio pecador foi efetuado por uma nobre, na sétima novela da sexta jornada, contada por Filostrato. Também aqui encontramos um pecado de cunho sexual envolvendo uma mulher, mas que, diferentemente da novela anteriormente citada, reconhece a própria culpabilidade na prática do ato, ainda que dele saia impune pelas leis humanas e divinas:

– Como pode ver, aqui está Rinaldo, seu marido, que apresentou queixa contra a senhora, dizendo que a encontrou com outro homem em adultério; por isso, solicita que, segundo quer uma lei desta cidade, eu lhe imponha a morte como punição; mas não poderei fazer isso se a senhora não confessar; portanto, atente bem para o que responde e diga-me se é verdade aquilo de que seu marido a acusa.

A mulher, sem se amedrontar, respondeu com voz agradável:

– É verdade que Rinaldo é meu marido, e que na noite passada ele me encontrou nos braços de Lazzarino, nos quais estive várias vezes, pelo bom e perfeito amor que lhe tenho; isso nunca negarei; mas, como tenho certeza de que o senhor sabe, as leis devem ser comuns e feitas com o consentimento daqueles a quem afetam. E isso não ocorre com essa, pois recai apenas sobre as pobrezinhas das mulheres, que bem melhor que os homens poderiam satisfazer a muitos; além disso, quando ela foi feita, não só não recebeu o consentimento de mulher alguma como também nenhuma mulher nunca foi chamada para isso; por tais razões, merece ser considerada injusta. E se, para grande prejuízo do meu corpo e de sua alma, o senhor quiser lhe dar execução, a decisão é sua, mas, antes de continuar julgando qualquer coisa, peço-lhe que me faça um pequeno favor, ou seja, que pergunte ao meu marido se a cada vez e em todas as ocasiões que ele quis, sem nunca dizer não eu me pus por inteiro à sua disposição ou não.

Rinaldo, sem esperar que o podestade perguntasse, logo respondeu que, sem dúvida alguma, a mulher sempre atendera a todos os seus pedidos.

⁴³ BOCCACCIO, Giovanni. *Decameron*. Tradução: Ivone C. Benedetti - 1ed - Porto Alegre, RS: L&PM, 2013. p. 302-303.

– Portanto – prosseguiu imediatamente a mulher –, pergunto ao senhor podestade: se ele sempre tomou de mim aquilo de que precisava e com que se satisfazia, o que deveria ou devo eu fazer com as sobras? Jogar aos cães? Não é muito melhor servi-las a um homem nobre que me ama mais que a si mesmo, do que deixar que se percam ou estraguem?

Aquele interrogatório de mulher tão importante e famosa atraía para lá quase todos os habitantes de Prato; estes, ouvindo resposta tão agradável, depois de muito rirem, gritaram quase em uníssono que a mulher tinha razão e dizia a verdade, e, antes de se irem, incentivados pelo podestade, modificaram a cruel lei, de tal forma que ela passaria a ser aplicada apenas às mulheres que por dinheiro cometessem falta contra o marido⁴⁴.

Nesta novela vemos que a lei foi alterada para absolver o crime e o pecado de Madonna Filippa, que cometera adultério. A partir das duas últimas citações fica perceptível como ambas demonstram dois membros dos poderes dirigentes da sociedade que pecaram sem que houvesse nenhuma punição a respeito. Por conseguinte, se pensarmos que a Ira de Deus veio para julgar os pecadores com suas mortes, porque nestas novelas não encontramos isto? A predominância dos pecados praticados por parte da nobreza e da Igreja, poderia ainda levar ao questionamento de que quanto mais alto o cargo e a relação com o poder, mais grave o pecado.

As camadas mercantis e a plebe pouco aparecem como pecadoras, e, quando o fazem, são em pecados menores como inveja, avareza, ganância e mentira, com algumas exceções de casos ligados a assassinato e ira. Na terceira novela da primeira jornada, por exemplo, foi contado o caso do mercador judeu avaro que emprestava dinheiro com juros, e que escapou da armadilha de Saladino, através da história de três anéis. Saladino pretendia, por meio de uma charada, pegar empréstimo sem pagar de volta, mas após a resposta do mercador, Saladino o pagou como deveria. Assim, percebe-se que a caracterização dos personagens e suas ligações com os pecados se dá de forma tipificada. Ou seja, será próprio ao comerciante pecar por avareza, ao religioso por quebrar seus votos sagrados, e assim sucessivamente. Outros grupos que apareceram de forma menos tipificada foram: os trabalhadores do mar (corsários, marinheiros) com pecados de rapto e roubo, e os criminosos (folgazões, criminosos, sarracenos, e inimigos dos romanos) com os pecados e vícios de escárnio, mentira, roubo, inveja e ganância.

Boccaccio salienta que a única forma de sobreviver à peste seria com a contenção e moderação dos hábitos. Todavia, o autor também sugere outras duas maneiras de reação à peste, afirmando que havia aqueles que respondiam à peste com a prática do hedonismo (exagero da vivência dos prazeres carnavais) ou fugindo da cidade para campo, como o fizeram os personagens-narradores. Podemos, a partir da seguinte passagem, entender como era compreendida a escolha pela fuga:

Outros tinham sentimento mais cruel (se bem que talvez fosse a atitude mais segura) e diziam que contra a peste não havia remédio melhor nem tão bom como fugir; e, convencidos disso, não se preocupando com nada a não ser consigo, vários homens e mulheres abandonaram sua cidade, suas casas, suas propriedades,

⁴⁴ Idem, p. 310 e 311.

seus parentes e suas coisas, buscando os campos da região ou das aldeias, como se com aquela peste a ira de Deus não tencionasse punir as iniquidades dos homens onde quer que eles estivessem, mas só afligisse aqueles que ficassem dentro dos muros da cidade, ou como se achassem que ninguém deveria ficar nela, chegada que era a sua hora derradeira⁴⁵.

Essa passagem trata da fuga, que, apesar de ser um recurso tido como cruel, foi o que salvou os personagens-narradores. Desta forma, o campo pode ser compreendido como a ida ao paraíso, através da uma ideia concebida do campo como lugar isento de morte.

Entender o modo como a praga se espalhou pode também contribuir para esta discussão. Este trecho da primeira jornada elucida a questão:

E a peste ganhou maior força porque dos doentes passava aos sãos que com eles conviviam, de modo nada diferente do que faz o fogo com as coisas secas ou engorduradas que lhe estejam muito próximas. E mais ainda avançou o mal: pois não só falar e conviver com os doentes causava a doença nos sãos ou os levava igualmente à morte, como também as roupas ou quaisquer outras coisas que tivessem sido tocadas ou usadas pelos doentes pareciam transmitir a referida enfermidade a quem as tocasse.⁴⁶

Nesta passagem revela-se que a peste negra era passada pelo contato direto ou indireto dos doentes, e isto torna mais questionável o fato de se atribuir a Ira de Deus como causa desta epidemia.

Nos quatro excertos destacados anteriormente vemos uma contradição com a ideia de a peste ser a ira de Deus. Conforme a ira de Deus, a peste condenaria os pecadores, e o que vemos nestes eventos é o contrário. Neste sentido, vemos que a sátira é dupla quanto ao seu efeito de sentido, e “providencialista, pois esforça-se em dar conta do presente através da anamnese (...) (através de) o vício, imprudência e falta de juízo, dilui-se como gosto, afetação irracional do instante que foge.”⁴⁷ O efeito cômico da sátira debocha do poder político, sendo um protesto contra a degradação moral que acompanha o processo de civilização, as frustrações e inquietudes trazidas pelos poderes político-religiosos.⁴⁸ A sátira tem por alvo privilegiado o clero, procurando fustigar todos os abusos. Na Idade Média, a sátira foi demasiadamente violenta, e serviu como instrumento de ataque ao clero, ora num ataque político, ora atacando aos próprios homens.⁴⁹ Em *Decameron*, a sátira está presente na origem da peste (contraste entre a ira de Deus e os problemas sanitários) e nos poderes pecadores que nunca são punidos, contribuindo como forma de contágio do caos presente em Florença, causado pela peste e pela disputa política.

⁴⁵ Ibidem, p. 19.

⁴⁶ BOCCACCIO, Giovanni. *Decameron*. Tradução: Ivone C. Benedetti - 1ed - Porto Alegre, RS: L&PM, 2013, p. 18.

⁴⁷ HANSEN, João Adolfo. A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. Campinas: Ateliê Editorial, 2004, p.202.

⁴⁸ MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003, p. 211

⁴⁹ SPINA, Segismundo. A Cultura literária medieval: uma introdução. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997, p. 54

Além da peste de 1348, Boccaccio faz menção a outra peste, na oitava novela da segunda jornada, em que Elissa narra que:

Perrot, que ficara em Gales com o marechal do rei da Inglaterra, crescendo também, caiu nas graças do seu senhor e tornou-se formoso e virtuoso como nenhum outro na ilha, de tal modo que em torneios, justas ou qualquer outra ação de armas ninguém no país era igual a ele; pois era conhecido e famoso, e todos chamavam Perrot, o Picardo. E Deus, que não se esquecera de sua irmã, demonstrou que também o tinha em vista; pois que chegou à região uma epidemia de peste que matou quase metade da sua população e fez grande parte das pessoas restantes fugir de medo para outras regiões, de modo que tudo parecia abandonado. Em tal peste o marechal, sua mulher, um de seus filhos e muitos outros irmãos, sobrinhos e parentes, todos morreram, ficando apenas uma sua filha donzela, já núbil, além de alguns servidores, entre os quais Perrot. Amainada a peste, a donzela, por gosto próprio e acatando conselho de alguns compatriotas que haviam sobrevivido, aceitou casar-se com Perrot, por ser ele um homem bravo e virtuoso, de modo que o fez senhor de tudo o que lhe cabia por herança. Não se passara muito tempo quando o rei da Inglaterra, sabendo da morte do marechal e conhecendo o valor de Perrot, o Picardo, nomeou-o para o posto daquele que morrera, tornando-o seu marechal. E foi isso, em suma, o que ocorreu com os dois filhos inocentes que o conde de Antuérpia deixara, dando-os por perdidos⁵⁰.

O efeito da peste mencionada acima ocasionou a morte de metade da população, e a forma mais segura de sobreviver a ela foi a fuga. Apesar de Perrot e a filha do marechal viverem com a família dela, na qual a maioria morreu de peste, estes dois escaparam da morte mesmo sendo descritos como uma donzela e um virtuoso bravo. A história que Elissa trouxe pode ser entendida como um conhecimento prévio do modo de reagir a uma epidemia da praga, e isto pode ter influenciado o grupo dos personagens-narradores na escolha pela fuga. Esta peste referida acima possui semelhança com a peste de 1348, por se acreditar ter sido mandada por Deus.

A novela citada anteriormente parece se referir a um acontecimento com data histórica determinada, o que pode contribuir para sabermos quando houve esta outra peste, ocorrida quando “o império de Roma passou dos franceses aos alemães, surgiu entre as duas nações intensa inimizade com acerba e contínua guerra (...)”⁵¹. Este é o período da morte do último príncipe carolíngio, em 912⁵². Segundo Reuter⁵³, o debate sobre a mudança do poder dos francos para os germanos associou a disputa de poderes junto à crise do poder do Estado ao longo do final do século IX, e no surgimento do "feudalismo", “França” e “Alemanha” no século X. No século X, foram encontradas fontes que descrevem os problemas que a peste causou na destruição de Host por um

⁵⁰ Ibidem, p. 114

⁵¹ Ibid, p. 108

⁵² Cfr: Nota de rodapé 55, escrita pela tradutora Ivone C. Benedetti. In: BOCCACCIO, Giovanni. *Decameron*. Tradução: Ivone C. Benedetti - 1ed - Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

⁵³ Cfr: MACLEAN, Simon. *Kingship and Politics in the Late Ninth Century: Charles the Fat and the end of the Carolingian Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 3.

verme que está citado no *Canon* de Aelfric e em *Myrc's Duties of a parish priest*⁵⁴. A oitava novela da segunda jornada possui duas conexões com a peste de 1348, a saber, o conflito político-territorial (apesar de não ser na Irlanda, onde houve a peste) e a peste em si, ambos fatores desestabilizadores. A descrição da situação enfrentada pela cidade de Florença também reafirma os fatores de desestabilização, tais quais a peste e o conflito territorial, pois a Ira de Deus teria empestado,

(...) em meio a tanta aflição e miséria da nossa cidade, a veneranda autoridade das leis divinas e humanas estava quase totalmente decaída e extinta porque seus ministros e executores, assim como os outros homens, estavam mortos ou doentes, ou então se encontravam tão carentes de servidores que não conseguiam cumprir função alguma; por esse motivo, era lícito a cada um fazer aquilo que bem entendesse.⁵⁵

O trecho acima expõe um cenário de desestruturação dos poderes, assim como havia sido no século X, descrito na última novela referenciada. O contexto do século XIV, entretanto, como mencionado na introdução, foi o período em que o poder administrativo da Igreja tinha se mudado para a França, o que possibilitou a aproximação do poder do Sacro Império Romano Germânico sobre a região em razão da instabilidade e insegurança. Isto pode também sugerir que parte do caos pode ter sido tensionado por causa das disputas territoriais entre Igreja e Império. A importância dada a Florença era tamanha que no

(...) século XIV, a Itália era palco de disputas políticas entre o Papado e o Sacro Império. Estas disputas também resultavam em conflitos dentro da cidade. A primeira metade do século XIV também é caracterizada por uma emergência da espiritualidade laica; basta ver que os franciscanos já constituíam uma ordem dentro da cristandade, em busca de um retorno as bases do cristianismo primitivo e uma resposta a opulência do clero de Roma⁵⁶.

As conexões possíveis entre conflitos políticos e instabilidade trazida por um problema de saúde em *Decameron* parecem ser as seguintes: a peste negra desestruturou Florença, e esta epidemia foi chamada de ira de Deus, a qual desceu sobre os pecadores como julgamento divino. Ora, a narrativa que se segue na obra tem a proposta de satirizar essa premissa, a qual foi proposta pelo clero da época. A sátira feita deixa pistas de que a doença provém de um problema externo que se torna interno, assim como a disputa de poderes do clero e o Império, os mesmos que pecam e não são punidos nas novelas narradas pelos personagens-narradores.

No fim da décima novela da décima jornada, narrada por Dioneu, traz-se uma mensagem relevante:

⁵⁴ SHREWSBURY, J. F. D. *A History of Bubonic Plague in the British Isles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 11-12.

⁵⁵ BOCCACCIO, Giovanni. *Decameron*. Tradução: Ivone C. Benedetti - 1ed - Porto Alegre, RS: L&PM, 2013, p. 19.

⁵⁶ NASCIMENTO, Flávia Vianna do. *Sacerdotis profanus: a crítica ao clero em Decamerão de Giovanni Boccaccio*. In: *Semana de Historia da UFF*, 2012, Niterói. *Semana de História da Uff - Caderno de Resumos*. Niterói: Universidade Federal luminense, 2012. v. único. p. 292.

– Lindas senhoras, como creio que sabem, os homens eminentes consideram que a sabedoria dos mortais não consiste apenas em ter as coisas passadas na memória ou em conhecer as presentes, mas em usar estas e aquelas para saber antever as futuras. Como é de seu conhecimento, amanhã faz quinze dias que saímos de Florença para termos alguma distração que nos servisse de amparo à saúde e à vida, pondo fim a melancolias, dores e angústias a que assistimos sem cessar em nossa cidade desde que tiveram início esses tempos de peste; coisa que, segundo meu juízo, fizemos com honradez; pois, se eu tiver bem observado, embora tenham sido contadas histórias alegres e talvez capazes de despertar a concupiscência, embora tenhamos continuamente comido bem, bebido, tocado e cantado, coisas estas de índole a incitar as mentes frágeis a coisas menos decorosas, não chegaram ao meu conhecimento atos ou palavras, enfim, nada que fosse censurável, nem da parte das senhoras nem da nossa; contínuo decoro, contínuo concórdia, contínuo familiaridade fraterna: foi isso o que me pareceu ver e ouvir. E isso, sem dúvida, me agrada dizer para honra e mérito das senhoras e de mim.⁵⁷

Dioneu pontua a importância de utilizar experiências passadas e conhecimento para se antecipar acontecimentos futuros, e, como relacionamos anteriormente, a fuga destas dez pessoas contribuiu para a conservação de suas vidas, que recuperaram alegria através das histórias contadas, alimentação, e diversão neste período de refúgio. Deste modo, a fuga fez com que todos os personagens-narradores voltassem vivos para Florença, independentemente de terem pecado antes, e de passarem o tempo livre satisfazendo seus prazeres terrenos. O final de *Decameron* desmistifica a lógica da Ira de Deus, pois, após os homens deixarem as mulheres na Igreja Santa Maria Novella, a narrativa termina, deixando em suspense o que houve em Florença. Mas a maneira como foi escrito o final da obra nos leva a entender que os dez nobres não encontraram ninguém pelo caminho para ser relatado.

Consequentemente, a Ira de Deus foi usada como artifício para debater como a Igreja se utilizou do discurso cristão para se defender num período difícil de disputa política pelos espaços em Florença. Boccaccio demonstrou que o fator do pecado não fez com que a pessoa morresse de peste, mas sim que o que a salvaria seria a sagacidade de se manter o mais longe da doença. Sendo assim, *Decameron* pode ser percebido como sátira, na qual se critica a manipulação através das influências dos poderes, que tanto interferem nas vidas das demais pessoas.

Considerações Finais

Mesmo após esta vasta ambientação do debate historiográfico sobre temporalidades e particularidades de cada perspectiva, não pretendo aqui colocar a Florença de *Decameron* como uma classificação pré-estabelecida de periodização. Não buscamos classificar a obra nem o período como pertencente à época medieval ou Renascentista.

A narrativa da obra tem como propósito apresentar diversas personagens, das mais diversas origens sociais e econômicas, a fim de demonstrar em todos estes a suma

⁵⁷ BOCCACCIO, Giovanni. *Decameron*. Tradução: Ivone C. Benedetti - 1ed - Porto Alegre, RS: L&PM, 2013, p. 528.

imperfeição humana: todos os homens, de acordo com os dogmas cristãos, são pecadores, e, portanto, todos deveriam ser castigados. Contudo, nem todos o são, e, conforme a proposta satírica do autor, a peste escolhe não por pureza de espírito, ou pela ausência desta, pois mesmo os mais diligentes em suas ações podem se ver frente à morte.

Além de ser algo visto como ruim esta morte foi associada a um castigo divino, chamado de Ira de Deus. No entanto, a doença matou as pessoas independentemente da doutrina que seguiam. O enfraquecimento da estrutura de Florença pela peste se dá também quando houve a mudança espacial do poder administrativo da Igreja, o que auxiliou na conquista territorial pelo Império. Podemos, assim, perceber que as particularidades da Florença do século XIV não fazem dela um rompimento, mas um processo de desconstrução dos demais estereótipos vinculados ao medievo.